

Embargos na exportação de carne para a China e o impacto na Indústria

O embargo à entrada de carne bovina brasileira na China, logo após serem confirmados dois casos de BSE (popularmente conhecido como doença da vaca louca) nos estados de Minas Gerais e Mato Grosso, segue a mais de 60 dias e tem causado quedas no preço do boi gordo em diversos mercados. Em Goiânia, de acordo com os dados do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (ESALQ/USP) o preço médio da arroba do boi gordo variou de R\$ 293,27 para R\$ 265,21, configurando uma redução de 9,56% no mês de outubro.

Neste sentido, as exportações brasileiras também sofreram com o embargo. A China é o principal destino da carne bovina produzida no País. No último mês, o Brasil exportou 82 mil toneladas de carne bovina, 56% a menos que no mês de setembro, de acordo com as Estatísticas de Comércio Exterior do Brasil (Comex Stat). Ainda não se sabe quando as restrições serão cessadas e nem qual será o destino do produto que permanece parado nos portos: se retornará ao Brasil, se será liberada a entrada no mercado chinês ou seguirá para outro destino.

Outro desdobramento é o aumento nas exportações das demais proteínas, como a carne suína e a de frango que tiveram aumentos de 11,9% e 24,2%, respectivamente, no volume exportado no mês de outubro, de acordo com a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA). Até mesmo no mercado interno, verifica-se um aumento no consumo *per capita*. No caso da carne suína, no ano de 2020 o consumo verificado foi de 16 kg por pessoa, enquanto em 2019 eram 15,3. E para a carne de frango, houve um aumento de 42,8 para 45,2 kg por pessoa em 2020. Tais movimentos podem ser explicados pelos aumentos no preço da carne bovina no mercado interno no ano passado, em que os consumidores tendem a substituí-la por outras proteínas cujos preços estejam menores. Para o setor de carne bovina, há uma preocupação na possível não retomada desta demanda que migrou para outros tipos de carne.

Assim, as indústrias goianas veem à frente o desafio de se tornarem cada vez mais competitivas, diminuindo a vulnerabilidade à choques de demanda externo, por meio da adoção de medidas que aumentam a confiabilidade nos produtos nacionais e reduzem a dependência pela demanda externa a poucos mercados consumidores.

Aline Carvalho de Castro

Assessora Técnica da COTEC/FIEG